

## Hugo e Muriel: As Tirinhas de Laerte sobre Mudança de Gênero<sup>1</sup>

Helene Ayoub FRANZON<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo discutir as limitações de definições de gênero, utilizando as tirinhas sobre o assunto assinadas pela cartunista transgênero brasileira Laerte. As imagens selecionadas apresentam a personagem Hugo/Muriel, representada por Laerte para tratar das questões relacionadas à mudança de gênero, aos tabus sociais e à transfobia. O trabalho sobre teorias de gênero de Sara Salin (2012) e de Teresa de Lauretis (1987) compõem a pesquisa teórica. O documentário “Laerte-se” (2017) permite compreender as singularidades da artista como cartunista e como pessoa transgênero. A análise da experiência pessoal da cartunista e de sua obra evidencia que as limitações de definições de gênero são construções sociais que podem ser quebradas pelo fato de não constituírem uma pré-determinação biológica.

**Palavras-Chave:** Gênero; humor; tirinhas; Laerte.

### 1 Introdução

Laerte Coutinho é amplamente conhecida no Brasil por seu trabalho como cartunista. Já trabalhou em revistas como *O Pasquim*, *Veja*, e *Isto É*, e em jornais como *O Estado de S. Paulo* e *Folha de S. Paulo*. Suas ilustrações apresentam temas diversos, como cultura, política, críticas sociais, entre outros. Mas há alguns anos, quando uma matéria publicada na revista *Bravo* (setembro de 2010) mostrou Laerte publicamente vestida de mulher, ela passou a ser conhecida por uma outra característica também: o fato de ter nascido homem e se transformado em mulher.

A vida imita a arte? Ou seria o inverso? A questão filosófica proposta por Aristóteles até hoje ecoa, e nos apresenta diversas respostas. A obra de Laerte é um

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Mestranda em Comunicação Visual, Universidade Estadual de Londrina, [helenefranzon@gmail.com](mailto:helenefranzon@gmail.com)

exemplo disso. Nascida em São Paulo, ela casou-se e teve três filhos, e somente perto dos 60 anos se permitiu transitar entre as nuances do gênero feminino. O seu trabalho como cartunista refletiu também essa mudança gradual na vida de Laerte. Antes mesmo de passar a se vestir como mulher, deixar o cabelo crescer, e usar maquiagem, a cartunista passou a manifestar sua vontade interior por meio de suas tirinhas.

Chegou um momento em que sua versão feminina não podia aparecer somente nos cartuns, e Laerte passou a colocar em prática na vida real. O principal objetivo deste trabalho é discutir as definições de gênero e os tabus que eles constroem e reafirmam na sociedade, utilizando as tirinhas de Hugo/Muriel, publicadas entre 2009 e 2014, para ilustrar os importantes temas levantados sobre a representação e mudança de gênero. O documentário “Laerte-se” (2017) nos permitirá um entendimento mais amplo das razões que levaram a cartunista a adentrar o mundo transgênero. Além disso, discutiremos o papel do humor e como ele pode ser utilizado tanto para reiterar preconceitos como para desconstruí-los, e qual o papel de Laerte como ativista no atual cenário brasileiro.

## 2 A Laerte

“Laerte-se”<sup>3</sup> (**Figura 1**), documentário realizado por Eliane Brum e Lygia Barbosa da Silva, servirá como uma importante fonte de informação para este artigo. Ele busca mostrar Laerte de uma forma crua, suas inseguranças, anseios, conflitos internos. É por ele que conhecemos importantes características sobre a artista brasileira, que conta no documentário que mantinha uma vida “clandestina” (em relação à mudança de gênero) até a publicação da matéria na revista Bravo.

Em entrevista para o caderno “Ilustrada”, da *Folha de S. Paulo*<sup>4</sup>, em novembro de 2010, Laerte falou sobre as questões que a levaram ao *cross-dressing*.

Comecei a me aproximar do travestimento, ou "cross-dressing", em 2004. Interrompi – e a morte de meu filho tem um peso nisso – e retomei em 2009. Fiz a minha primeira montagem em 2009. Mas as coisas que se evidenciaram [em meu trabalho] a partir de 2005 já estavam ali, latentes, germinando em 2004. (FOLHA, 2010).

<sup>3</sup> Documentário da Netflix produzido no Brasil e disponível na plataforma.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0411201012.htm>>. Acesso em 15 jun 2017.



**Figura 1.** Poster de “Laerte-se” para Netflix.

Uma das razões que despertou em Laerte o interesse pelo mundo feminino da maquiagem, dos esmaltes e dos vestidos estampados foi a necessidade de quebrar códigos de conduta e tabus sociais que a todo o momento determinam o que uma pessoa pode ou não fazer baseado no fato de ser homem ou mulher. Laerte se interessa pela liberdade da escolha, por romper com essas barreiras socialmente construídas.

Não é um fetiche sexual. Não é, nem é um tema que me interessa agora. O travestimento é uma questão de gênero, não de sexo. São coisas independentes, autônomas, que nem o executivo e o legislativo. É um erro fazer essa mistura. "Ah, está vestido de mulher, então é viado." "Jogou bola, é macho." E eu que gostava de costurar e de jogar bola? O que tenho feito é investigar essa parte de gênero. O que tenho descoberto é que isso é muito arraigado, essa cultura binária, essa divisão do mundo entre mulheres e homens é um dogma muito forte. Não se rompe isso facilmente. Desafiar esses códigos perturba todo o ambiente ao redor de você. (FOLHA, 2010).

Essa cultura binária é um dos principais temas que Laerte costuma questionar em suas ilustrações. Hugo/Muriel, o personagem homem que se traveste de mulher, foi criado para desconstruir os tabus de definições de gênero. A decisão de se tornar *Laerte* foi gradual e também trouxe alguns conflitos a ela. Entre a morte de seu filho em 2005, até a decisão de começar a “virar mulher”, em 2009, muitas coisas aconteceram, como conta a artista:

Se passaram coisas desse tipo assim, deixar a barba crescer, mudar meu trabalho de forma radical, abandonar os personagens, né, eu digo abandonar porque é

uma força de expressão, deixar de lado o uso de personagens, deixar de lado o uso de da construção de discurso cômico como eu fazia. Eu passei por essas coisas todas, mas eu já tinha começado a me investigar como pessoa transgênero... E eu parei. (“LAERTE-SE”, 2017).

Atualmente, Laerte se vê como mulher, e espera que os outros a vejam também. Entre os grupos transgêneros que ela frequenta, há também a “cobrança” de legitimar a sua mudança, como a questão de colocar próteses de silicone nos seios. Ela entende que jamais será uma “mulher” no sentido de que jamais terá um útero, por exemplo; mas isso não impede que ela se veja e se sinta como uma. “A questão do corpo é central, mas não pode ser tudo, senão a gente aceita a biologia como o único norte, ‘teu útero é teu destino’, esse tipo de coisa. E não é assim” (“LAERTE-SE”, 2017).



Figura 2. Disponível em: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>

Os conflitos internos sobre mudança de gênero são representados na tirinha acima (Figura 2). O personagem Hugo aparece sentado em uma penteadeira em frente ao espelho, se maquiando e se transformando em Muriel, quando alguém afirma que ele nunca será uma mulher de verdade. Em seguida, Hugo, confuso, guarda o rímel que estava usando e se pergunta: “e agora?”. Apesar de explorar a liberdade recente de transitar entre os mundos masculino e feminino, Laerte já enfrentou momentos de anseio e de pressão externa, devido ao fato de que, biologicamente, não se encaixa no que é socialmente definido como ‘mulher’.

### 3 Filmes Como Fonte de Pesquisa

Para que possamos interpretar o conteúdo das tirinhas e compreender sua importância no contexto em que foram criadas, é necessário aprofundar-nos no conhecimento de Laerte como pessoa, como cartunista, e como transgênero. Pelos olhos

---

sensíveis da jornalista Eliane Brum e da cineasta Lygia Barbosa da Silva, que dirigiram o documentário, podemos conhecer as diversas singularidades de Laerte.

A importância de analisar obras como filmes e documentários, para entender de forma mais complexa o contexto em que a pesquisa é realizada, é discutida no artigo “O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro”. O autor, Eduardo Morettin, busca verificar o papel do cinema na obra do historiador francês Ferro, um dos responsáveis por incorporar o cinema às fontes históricas, a partir da década de 1970 (2011, p. 39).

Ao mesmo tempo, o filme age como um “contra-poder” por ser autônomo em relação aos diversos poderes da sociedade. Sua força reside na possibilidade de exprimir uma ideologia nova, independente, que se manifesta mesmo nos regimes totalitários, onde o controle da produção artística é rígido. Algumas películas e cineastas “manifestam uma independência com respeito às correntes ideológicas dominantes, criando e propondo uma visão de mundo inédita, que lhes é própria e que suscita uma tomada de consciência nova” e vigorosa. (MORETTIN, 2011, p. 41).

O cinema contribui para o conhecimento mais expandido, mais aprofundado, de determinados períodos históricos. Mas, segundo Morettin, algumas coisas devem ser levadas em conta quando utiliza-se um filme como documento histórico, como verificar se ele sofreu alteração ou manipulação, ou averiguar operações também ideológicas que podem estar presentes no filme, como comentários, entrevistas, sonorização, entre outros (2011, p. 51).

Neste sentido, Marc Ferro entende que a “ideologia de um filme é mais transparente através de um comentário que através de entrevistas, pois ela é camuflada atrás da verdade solicitada do testemunho”. Um estudo ideológico do comentário deve relacionar seu texto à imagem a fim de “identificar o sentido de uma realização”. (MORETTIN, 2011, p. 52).

Pensar “Laerte-se” como fonte de informação para a realização dessa pesquisa é entender, também, que o documentário é construído, editado, recortado. Todo produto final de comunicação é manipulado, seja no momento do recorte da realidade, em que a fotografia foi tirada ou a cena foi filmada, seja no momento da edição. Sabemos que o documentário nos mostra a realidade de Laerte por lentes subjetivas. Ainda assim, nos permite adentrar o mundo particular da cartunista – sua casa, seu contato com a família, sua rotina, e como a transgeneridade aflorou primeiramente nas ilustrações para enfim se concretizar na vida real. O objetivo, portanto, não é discutir o estatuto de fonte de “Laerte-se”, mas assumi-lo como parte importante da pesquisa.

---

## 4 Tirinhas

Tirinhas, charge, cartum, caricatura... Na língua portuguesa, há uma grande confusão no momento de identificar as nomenclaturas adequadas referentes a esses tipos de ilustrações. Paulo Ramos, em artigo intitulado “Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero?”, busca iniciar uma discussão sobre o assunto e clarear esses termos, levando em conta que a definição desses gêneros é complicada até mesmo para quem trabalha na área. Ramos explica: “Entendemos que exista um campo maior, um hipergênero chamado quadrinhos, que abriga diferentes gêneros autônomos, unidos por elementos comuns” (2009, p. 357).

Alguns dos conceitos deste hipergênero foram sintetizados por Romualdo, que explica resumidamente as diferenças entre charge, cartum e caricatura.

(...) compreenderemos a charge como o texto visual humorístico que critica uma personagem, fato ou acontecimento político específico. Por focalizar uma realidade específica, ela se prende mais ao momento, tendo, portanto, uma limitação temporal. Como cartum, entenderemos todo desenho humorístico no qual o autor realiza a crítica de costumes. Por focalizar uma realidade genérica, ao contrário da charge, o cartum é atemporal, desconhece os limites do tempo que a crítica a personagens, fatos e acontecimentos políticos impõe. A caricatura será compreendida como o desenho que exagera propositadamente as características marcantes de um indivíduo. (ROMUALDO, 2000, p. 21).

Avaliando a obra de Laerte, sabemos que não se trata de charge, pois não foca em acontecimentos específicos, nem caricatura, porque não faz referência a pessoas conhecidas. O conjunto de trabalho de Laerte é, em sua maioria, composto de tirinhas, e, em menor parte, de cartuns. As características que compõem as tirinhas são explicadas por Ramos:

O formato é tão presente na composição da tira que foi incorporado ao nome do gênero. A mais conhecida e publicada é a tira cômica, também chamada por uma série de outros nomes, como *tira de quadrinhos* (...). Por ser a mais difundida, muitas vezes é vista como sinônimo de tira, interpretação da qual compartilhamos. A tira cômica é a que predomina nos jornais brasileiros – e também da maioria dos países.

A temática atrelada ao humor é uma das principais características do gênero tira cômica. Mas há outras: trata-se de um texto curto (dada a restrição do formato retangular, que é fixo), construído em um ou mais quadrinhos, com presença de personagens fixos ou não, que cria uma narrativa com desfecho inesperado no final. (RAMOS, 2009, p. 364).

Além do humor, que será discutido adiante, as linguagens verbal e visual também são necessárias para a construção de sentido de tiras e de cartuns. A linguagem verbal é capaz de atribuir um sentido imprevisível a determinada ilustração, ampliando

ou renovando seu significado por meio do diálogo com a imagem. Já a linguagem visual é composta de signos e símbolos. De acordo com Miani,

A imagem é representação na medida em que a inspiração para a produção do desenho é referenciada numa experiência da realidade e, portanto, não expressa uma verdade absoluta. Ela se apresenta como uma interpretação simbólica da realidade que procura conduzir o seu leitor a uma nova reflexão. (MIANI, 2000, pgs. 46-7).

Por meio de elementos como títulos, onomatopeias ou balões de diálogo, significados são criados para além do que se vê na imagem, conferindo ao desenho um tom humorístico, questionador, reflexivo, entre outros. Apesar de a palavra ser fundamental para a expansão do significado da charge, para Miani a imagem ainda é o elemento que prevalece, devido ao “império da imagem” em nossa sociedade atual. “É importante observar que, mesmo que as palavras componham o texto das imagens (fixas ou em movimento) ou as interpretem, a base dessa linguagem é icônica, ou seja, as imagens representam objetos pelas suas formas visuais.” (MIANI, 2000, p. 45).



**Figura 3.** Disponível em: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>

O cartum acima (**Figura 3**) é um exemplo do que está sendo discutido. Apesar de a imagem ser o elemento principal, é a linguagem visual que de fato confere sentido a ele. No cartum, vemos Muriel e vários homens na sala de espera de uma clínica de urologia. Com olhares curiosos, os homens observam Muriel – vestida de mulher – explicar o porquê ela se encontra na clínica que atende somente homens: pelo fato de que, por baixo da peruca e dos trajes femininos, está um corpo masculino. O olhar despreocupado de Muriel a folhear uma revista mostra a naturalidade com que a personagem trata a questão, como forma de desconstruir os estereótipos de gêneros.

Portanto, no momento de interpretação de tiras e cartuns, é importante levar em consideração esses elementos que constroem o seu significado. Além disso, para a devida compreensão de uma imagem, é necessário que o receptor tenha um

---

conhecimento prévio sobre o assunto abordado, além de averiguar o contexto social, político e cultural em que a imagem é publicada.

## 5 Humor

O humor pode conter uma natureza paradoxal: ao mesmo tempo em que empresta um tom de leveza a assuntos sérios (e faz com que estes sejam abordados de forma inofensiva), ele esconde importantes ideias que podem reforçar preconceitos ou ideologias. No documentário brasileiro “O riso dos outros”, de 2012, dirigido por Pedro Arantes, cartunistas, humoristas e ativistas comentam sobre os limites do humor e as consequências que uma piada pode ter.

Intercalando depoimentos dos entrevistados e cenas de *stand-up comedy*, a edição do documentário mostra a forma como o humor pode servir de ferramenta para reiterar preconceitos ou para desconstruí-los. Para que o objetivo do humor se concretize, ele precisa necessariamente dialogar com o receptor. Em entrevista ao programa Roda Viva, da TV Cultura, Laerte afirma:

O humor é uma linguagem ideológica. Todo discurso humorístico tem um conteúdo ideológico, mas ele contém certas características sem a qual o humor não se dá, a fagulha não acende, que é, ele tem que necessariamente partilhar o repertório do ouvinte, ele tem que necessariamente falar com as convicções mais enraizadas no ouvinte, senão a piada não acontece. Daí porque é muito frequente dentro da produção humorística em geral, em televisão, em rádio, em piada, a mensagem preconceituosa. (RODA VIVA, 2012).

Em contramão ao humor politicamente incorreto, existem diversos cartunistas, comediantes e atores que buscam repensar os clichês e utilizar o humor de uma forma combativa. Idelber Avelar, ensaísta e professor de literatura, afirma: “A piada preconceituosa se ancora em determinados valores, por definição, preconceitos solidificados na sociedade. Então é fácil fazer piada com esses estereótipos, porque eles estão prontos para você. Desmontá-los é muito mais difícil.” (“O riso dos outros”, 2012). José Alberto Lovetro (Jal), renomado cartunista brasileiro, também trata da forma combativa que o humor pode assumir:

A função do humor é questionar o poder a todo momento. Por isso é altamente revolucionário. Quando Chaplin fazia de bobo um guarda de rua, em seus filmes, sabia que ridicularizar o poder descontraí o ser humano e o faz rir. Portanto o humor veio para contrapor regras sociais, questioná-las e desconstruir. (LOVETRO, 2007, apud MIANI, KLEIN, p. 117).





Figura 4. Disponível em: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>

A tirinha acima (**Figura 4**) é um exemplo da possibilidade de usar o humor para desconstruir preconceitos. Muriel está sentada na mesa de um bar e se vê cercada de indagações agressivas sobre sua intenção ao se montar: fetiche, moda, revolução...? O interlocutor exige uma resposta. O que ela quer, afinal? Ao que ela responde no último quadrinho, numa quebra de expectativa: “um gim tônica...”. Apesar dos olhares e dos questionamentos de fora, Muriel é apenas um ser humano que busca viver de acordo com o que a faz feliz.

As duas formas de uso do humor que citamos anteriormente são discutidas por Daniel Figueiredo em sua tese de mestrado. O humor potencializador do riso é denominado como humor de amortização, e surgiu a partir dos estudos de Sigmund Freud sobre o chiste (2013, p. 25). Ele acontece quando há uma descontração, ou seja, uma “economia do gaste psíquico”: é o que causa o riso, que geralmente repete as piadas prontas. Em oposição a ele, está o humor de transgressão, que busca desmistificar tabus e levantar reflexões.

O mecanismo do humor de transgressão ocorre, portanto, ao identificarmos na enunciação do conteúdo humorístico a intenção de transgressão de entendimento de uma dada regra social, que ao ser violada e subvertida, proporciona a mobilização do intelecto na construção de outras propostas de raciocínios, além de ter em sua natureza a crítica ao tema/situação retratada. (FIGUEIREDO, 2013, p. 25).

Este tipo de humor é bastante comum em representações iconográficas como charges, cartuns e tirinhas. As tiras da Laerte, que estão presentes ao longo deste trabalho, utilizam-se do humor de transgressão ao apresentar questões importantes no âmbito do humorístico, como forma de levantar uma nova forma de visão acerca dos temas tratados.

## 6 Gênero

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade”. A famosa declaração de Simone de Beauvoir, em “O segundo sexo”, traz em si conceitos importantes, discutidos por teorias e estudos no campo das ciências humanas. Nascer do sexo feminino não é um fator determinante de comportamentos – tudo é moldado, desde os primeiros anos, pela família, pela escola, pelos amigos, por todas as instituições sociais, que definem e reforçam, incessantemente, os estereótipos do que é ser mulher.

Em “Judith Butler e a teoria queer”, Sara Salin percorre vários livros da autora estadunidense Judith Butler, que focou suas obras na teoria feminista, na teoria queer e nos estudos de gênero. Salin explica que, em livro intitulado *Gender Trouble* (GT), de 1990, considerado a obra mais importante de Butler, a autora trata do “processo de constituição do sujeito, ou seja, os modos pelos quais a identidade e, em particular, a identidade de *gênero*, é construída no e pelo discurso” (2012, p. 64). Em outras palavras, não há nada que determina, pelo sexo biológico de uma pessoa, que gênero ela deve assumir; isso é construído diariamente por padrões e discursos sociais.

De acordo com Salin,

GT descreve como o gênero se “cristaliza” ou se solidifica numa forma que faz com que ele pareça ter estado lá o tempo todo, e tanto Butler quanto Beauvoir afirmam que o gênero é um processo que não tem origem nem fim, de modo que é algo que “fazemos”, e não algo que “somos”. (...) Butler se afasta da suposição comum de que sexo, gênero e sexualidade existem numa relação necessariamente mútua, de modo que se, por exemplo, alguém é biologicamente fêmea, espera-se que exiba traços “femininos” e (num mundo heteronormativo, isto é, num mundo no qual a heterossexualidade é considerada a norma) tenha desejo por homens. Em vez disso, Butler declara que o gênero é “não natural”; assim, não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e o seu gênero. Será, assim, possível, existir um corpo designado como “fêmea” e que *não* exiba traços geralmente considerados femininos. Em outras palavras, é possível ser uma fêmea “masculina” ou um macho “feminino”. (SALIN, 2012, p. 66-67).

A mesma questão é debatida por Teresa de Lauretis em “A tecnologia do gênero”. Ela afirma que é preciso começar a pensar um conceito de gênero que não esteja totalmente associado à diferença sexual, ou seja, “o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente a priori nos seres humanos”, mas sim o resultado de efeitos produzidos nos corpos e nas relações sociais (LAURETIS, 1987, p. 208).

Tal dificuldade, ou seja, a imbricação de gênero e diferença(s) sexual(ais), precisa ser desfeita e desconstruída. Para isso, pode-se começar a pensar o

gênero a partir de uma visão teórica foucaultiana, que vê a sexualidade como uma “tecnologia sexual”; desta forma, propor-se-ia que também o gênero, como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana. (LAURETIS, 1987, p. 208).

Esses discursos, citados por Lauretis e Salin, estão sedimentados nos comportamentos sociais. No entanto, estudos como os analisados aqui existem para nos mostrar que as limitações de gêneros, justamente por serem uma construção social, não são a única opção de realidade e de vida. É possível que estes estereótipos sejam rompidos, e que as pessoas transitem entre os gêneros feminino e masculino, como nos mostram os transgêneros, por exemplo. Há alguns anos, Laerte enxergou essa possibilidade para si mesma:

“Você é homem ou mulher?” As primeiras respostas eram desse tipo: eu sou um homem, e eu estou assumindo uma linguagem, uma cultura, que é tida como feminina. Eu estou invadindo essa área e reivindicando para meu uso também. Mas depois eu comecei a dizer “eu sou uma mulher”, eu comecei a reivindicar o direito de dizer que eu sou uma mulher também, tanto quanto um homem. (“LAERTE-SE”, 2017).



Figura 5. Disponível em: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>

A tira acima (**Figura 5**) brinca com a questão das limitações de gênero. Ao ser impedida de embarcar pelo segurança do aeroporto, que a chama de “senhor”, Muriel pergunta: “Senhor?”. Ele muda o discurso para “senhora”, e novamente o questionamento: “senhora?”. O segurança, no último quadrinho, continua tentando impedir o embarque: “é proibido embarcar assim.”, ao que Muriel responde, “assim?”. A atitude implacável de Muriel, que questiona a autoridade e não se deixa constranger pelos comentários do segurança, faz o leitor repensar as definições e limitações de gêneros.

## 7 Hugo/Muriel

Quando começou a desenhar Hugo, Laerte sentia ímpetos de desenhá-lo travestido, se maquiando e se transformando. Foi assim que Hugo se tornou Muriel. Mas isso aconteceu antes mesmo de a própria Laerte começar a descobrir o mundo transgênero. Seu desejo latente, que escondia de si mesma por tanto tempo, exteriorizou-se primeiramente nas ilustrações.

Eu vejo esse momento como um momento de retirada de véus. O Hugo agora é a Muriel. Em homenagem ao fato desse personagem ter sido meu batedouro, porque ele apareceu travestida de Muriel, não era nem Muriel ainda, e provocou o e-mail de uma amiga minha falando: “escuta, está evidente demais, a sua anágua está aparecendo, seu desejo está aparecendo...” (risos). Ele praticamente não aparece mais de Hugo. Foi junto comigo, quando eu também virei a Laerte, ele também virou a Muriel. (“LAERTE-SE”, 2017).

A tirinha abaixo (**Figura 6**) representa a vontade de transformação de Hugo. Seguindo um desejo latente, o personagem passa um batom vermelho, raspa os pelos da perna e coloca uma peruca. Por fim, no último quadrinho, aparece andando pelas ruas com um vestido esvoaçante, uma expressão satisfeita e uma pose sensual, e diz “às vezes um cara tem que se montar, ué!”. A cartunista compartilha com o personagem a vontade que surgiu gradualmente, e que, a partir de certo momento, precisava se concretizar: travestir-se de mulher.



**Figura 6.** Disponível em: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>

O conjunto de tiras de Hugo/Muriel é amplo, e Laerte caminha por nuances do mesmo tema central: a transgeneridade e os tabus que a circundam. Em tom humorístico, como vimos que é próprio da linguagem das tiras, a personagem perpassa por temas muitas vezes delicados, como os conflitos internos de pessoas que não se enquadram na heteronormatividade, o preconceito da sociedade, a auto-aceitação, entre outros.

A tira abaixo (**Figura 7**) retrata a transfobia que muitas pessoas transgêneros enfrentam no Brasil. Nos dois primeiros quadrinhos, vemos vizinhos cumprimentando Muriel, o que a faz ficar satisfeita por finalmente ser aceita. Já no terceiro quadrinho, ela é agredida na rua: jogam algo no rosto dela e a xingam de “bichona”. No último quadrinho é que vem a crítica social: as mesmas pessoas que haviam cumprimentado Muriel educadamente no primeiro quadro, são as que vão dizer que ela provocou, que fez por merecer. Notem que no primeiro quadrinho eles a chamam de Muriel, uma prova de que a aceitam como pessoa transgênero. Já no último, referem-se a ela como Hugo, ignorando a decisão de Muriel de ser tratada como pessoa do gênero feminino. A tira retrata uma situação comum de culpabilização da vítima, de justificar o ato transfóbico. Além disso, mostra a hipocrisia de parte da sociedade que reforça comportamentos preconceituosos.



**Figura 7.** Disponível em: <http://murieltotal.zip.net/listArchive.html>

Às vezes Hugo, às vezes Muriel, às vezes ambos: as tirinhas de Laerte nos mostram as mudanças da artista e a liberdade que está descobrindo. Como figura pública no Brasil, Laerte usa seu trabalho para desconstruir estereótipos, e, fora das tirinhas, ela participa de movimentos que reivindicam direitos para a comunidade trans e LGBT e luta por uma sociedade mais justa e livre da transfobia, da homofobia e do machismo. Tira por tira, Laerte vai construindo – ou desconstruindo – a ideia sobre o que é ser homem ou mulher.

Eu também chego numa outra possibilidade que é “não existem homens e mulheres”. A princípio somos seres humanos e a gente tem essas disposições. Essas disposições são também convenções, são possibilidades, são linguagens. Estou cada vez mais compreendendo que a questão de gênero é pra ser tratada como uma construção cultural mesmo, não foi criada por Deus (risos)... Então eu posso rever tudo. (“LAERTE-SE”, 2017).

---

## 8 Considerações Finais

A proposta principal deste trabalho foi discutir as definições de gênero e suas limitações, utilizando-se das tirinhas de Hugo/Muriel da cartunista Laerte para ilustrar as questões abordadas. Conhecer o contexto em que a artista cria suas tiras e a sua mudança de gênero nos últimos anos foi fundamental para a realização deste artigo. Por conta disso, o documentário “Laerte-se”, que apresenta uma versão da cartunista pelos olhos sensíveis das duas diretoras, foi de grande valia para nossa pesquisa, pois nos permitiu enxergar a artista por novos ângulos.

Como vimos, não há nada que biologicamente determine o gênero de uma pessoa. Laerte, tanto nas tirinhas como nas entrevistas, discute a importância de essa escolha pessoal de tornar-se transgênero ser aceita e compreendida pela sociedade. As limitações de gênero são apenas uma construção social, pois não há nenhuma característica biológica ou física que as determinem. Diversas mudanças sociais que foram vistas com estranheza em certo momento no passado (mulheres terem o direito ao voto ou usarem calças, por exemplo), atualmente são socialmente aceitas e vistas com naturalidade. Portanto, a possibilidade de transitar entre os gêneros também é um tabu que pode ser desconstruído.

As tirinhas de Hugo e Muriel, além de representarem a trajetória de mudança de gênero de Laerte, são criações que rompem com tabus. Usando o humor de transgressão, elas quebram expectativas do leitor e provocam a reflexão sobre um tema importante e necessário de ser discutido: a transgeneridade.

## 9 Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. V. 1 e 2. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980 (1949).

CAPELATO, Maria Helena. MORETTIN, Eduardo. NAPOLITANO, Marcos. SALIBA, Elias Thomé. **História e cinema: dimensões históricas do audiovisual**. 2ª Ed. São Paulo: Alameda, 2011.

FIGUEIREDO, Daniel de Oliveira. **Humor e resistência: as possibilidades políticas do humor nas charges do jornal**. Discursos Fotográficos, v. 9, n. 14, 2013.

KLEIN, Alberto. MIANI, Rozinaldo Antônio. **A mídia, o sagrado e as imposturas da imagem: implicações semióticas das charges de Maomé**. Porto Alegre: Revista Famecos, número 37, 2008.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. Em: **Technologies of gender**. Indiana University Press, 1987.

---

MIANI, Rozinaldo Antonio. **A utilização da charge na imprensa sindical na década de 80 e sua influência política e ideológica.** 2000. 312 folhas. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

RAMOS, Paulo. **Histórias em quadrinhos: gênero ou hipergênero?**. Estudos Linguísticos, São Paulo, 2009.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de S. Paulo.** Maringá: Eduem, 2000.

SALIN, Sara. **Judith Butler e a teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

### **9.1 Referências Audiovisuais**

**Laerte-se.** Direção: Lygia Barbosa da Silva e Eliane Brum. 2017. Son. Color. Port.

**O riso dos outros.** Direção: Pedro Arantes. São Paulo: Massa Real, 2012. Internet (51 min.): Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=uVyKY\\_qgd54](https://www.youtube.com/watch?v=uVyKY_qgd54)>. Son. Color. Port.

**Roda Viva.** Entrevista com Laerte. TV Cultura, 2012. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=j5hXQDThUiA>>.